

8. Cristo nos chama antes de tudo a Si

A vida reencontrada, a vida ganha, é a vida *redimida*, "recomprada" pelo Ressuscitado. E Cristo nos pede e deixa segui-Lo fazendo no hoje, nas circunstâncias da vida, nas nossas cruces, experiência deste mistério, deste renascimento do "eu", que só Cristo torna possível.

Quando Pedro se opôs à paixão, morte e ressurreição de Jesus, se opôs a esta experiência, à experiência que Pedro deveria fazer; se opôs a Redenção. Se opôs a descida de Cristo a mansão dos mortos para redimir a sua humanidade, a sua vida. Se opôs a esta renovação total do seu "eu" que somente Jesus poderia lhe oferecer. Se opôs assim ao fascínio que desde o início o fez apaixonar-se por Jesus, e tinha dado a liberdade e a coragem de renunciar a tudo por Ele. Mas naquele tudo ainda não tinha ele, ele próprio, Simão filho de João, com tudo o que era ou não era.

É incrível como a resistência de um só, era aos olhos de Jesus um escândalo para toda a obra da Redenção. Era como se Pedro tivesse o poder de resistir não apenas à sua redenção, mas também à redenção do mundo inteiro. Isto não porque era Pedro, e acabava de ser instituído "pedra" da Igreja, pois Jesus poderia simplesmente substituí-lo por outro, mas porque Cristo tem tanto amor pelo ser humano, que se um só recusa à salvação o faz sofrer como se todos a recusassem. Jesus morreu e derramou o seu sangue para redimir cada homem. É realmente consciente quando diz: uma só vida, um só coração, vale mais que o mundo inteiro (cf. Mt 16,26), pois vale aos olhos de Deus, no pensamento de Deus, na relação que Deus tem com cada pessoa, pelo fato de cria-la, deseja-la, dá liberdade, e não se dá paz até salva-la, até voltar para a casa do Pai.

Por isso, para ter seriedade com nossa vocação, sobretudo batismal, e antes ainda de seres humanos – em todas as formas de vocação o que sempre está em jogo: a nossa pessoa e toda a humanidade enquanto criada e redimida – para sermos sérios com a nossa vocação e, portanto, para vivê-la realmente, com verdade, isto é, com fidelidade, o primeiro passo é o sentido do nosso "eu", o sentimento de nós mesmos que o encontro com Cristo, o Seu olhar, Sua palavra nos exortam, nos chamam.

Toda vocação chama, é um chamado, pronuncia um nome, me chama. Não me chama, principalmente para fazer algo, nem mesmo para se tornar algo ou alguém. Chama a mim, e chamando desperta um senso do "eu" que antes não sentia, antes não conhecia. É tão importante este ponto – e a Bíblia ilustra do início ao fim, nos patriarcas, profetas, juízes, até aos apóstolos, e todos os discípulos, a todas as mulheres e homens que Cristo encontrou e, depois Santo Estevão, São Paulo, e todos os cristãos das primeiras comunidades – é tão importante este ponto que todo o resto é como secundário, uma consequência por si só. Se o "eu" responde, se reage, se deixa tocar, se diz "Eis me aqui!", isto é, "Aqui estou, conta comigo!" como Maria, o Espírito realiza tudo, desenvolve tudo, cumpre toda a missão que a vocação comporta.

Uma vez visitei uma comunidade frágil e complicada, complicada por causa do temor de ser ajudada, e também por ter sido muito negligenciada no passado. Na primeira noite, com quem me acompanhava na visita, nos sentíamos deprimidos. Tudo tinha começado mal, e pressentimos as portas fechadas antes mesmo de entrar.

Na manhã seguinte, porém, na Missa, o Evangelho do dia era o início do capítulo 10 de Mateus:

"Jesus chamou seus doze discípulos. Conferiu-lhes o poder de expulsar os espíritos imundos e de curar todo mal e toda enfermidade. Eis os nomes dos doze apóstolos: o primeiro, Simão, chamado Pedro; depois André, seu irmão. Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão. Filipe e Bartolomeu. Tomé e Mateus, o publicano. Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu. Simão, o cananeu, e Judas Iscariotes, que foi o traidor" (Mt 10,1-4)

Aquilo que me julgou imediatamente, também me confortou na circunstância que vivia naquela comunidade, era que tudo começava pelo chamado feito por Jesus a ir encontro a Ele: "chamados – *proskalesamenos* – *convocatis*". É o primeiro chamado, a primeira vocação, aquela que está em jogo acima de toda a nossa liberdade. Responder ao convite de Cristo de ir até Ele, de alcançar a Sua presença. Toda liberdade se concentra nisto, e todo o resto é consequência. E que consequência! "Conferiu-lhes o poder de expulsar os espíritos imundos e de curar todo mal e toda enfermidade". Desculpa se é pouco! E pouco depois, se não bastasse, especifica e aumenta a dose do poder sobre-humano dado aos seus discípulos: "Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios" (Mt 10,8a). E para não perderem a consciência de toda a consequência gratuita da resposta a um convite gratuito, diz: "Recebestes de graça, de graça dai" (10,8b).

Esta exortação, me julgava e corrigia, pois no dia anterior e na noite, não estava diante da situação daquela comunidade com esta consciência, determinado por este fato, de um Deus que se fez presente para poder nos chamar a Si, para nos convocar a Si com a simplicidade de uma mãe, chamando as crianças brincando na rua para casa ou com a simplicidade de um amigo que convida em sua casa para tomar algo.

Eu, e quem me acompanhava, passamos à necessidade das consequências, saltando as premissas, saltando a fonte, a origem das consequências necessárias. E fazendo assim acreditávamos ser a fonte das consequências, e imediatamente nos sentimos áridos, secos, estéreis, incapazes de garantir um milésimo do que a situação exigia. Ainda bem! Ao menos a verdade do sentimento de impotência e da tristeza tivemos, isto é: o coração, pelo menos, não mentiu. Mas teria ficado a tristeza, também estéril, se a gratuidade do mistério, através da Igreja, neste caso da liturgia, não tivesse reproposto o chamado a Si de Cristo, a vocação de ir até Ele de coração vazio, de tristeza vivida com verdade, como necessidade de um Outro.